

3a. PARTE
POESIA

SONETOS DE MUITO AMOR

Cláudio Martins

Eis-me reincidindo no Soneto. Não o faço por vaidade, senão porque o exercício me parece fascinante.

Quando, há pouco, publiquei a plaqueta titulada Sonetos e Trovas confessei, sem reboço, que minha intromissão nos exigentes domínios das rimas presas e abraçadas era uma espécie de penitência. Tantas vezes criticara os que se entregavam à arte de Petrarca, obedientes a suas tradicionais implicações, que decidi, naquela oportunidade, proporcionar aos que, nesse tanto, foram por mim inapreciados, elementos que lhes permitissem desancar-me, em contrapartida.

Agora, o caso é outro. De tanto perquirir, consultar e analisar, rendi-me à excelência da nobre arte. E entendo que cultivá-la e emprestar-lhe novas regras que a atualizem constitui uma opção irrecusável.

Advirto que não condeno a ausência de rima, se na obra poética assim elaborada, inda que Soneto, as palavras cantam. Que falem por mim os admiráveis versos brancos de Jáder de Carvalho. Em verdade, a sonoridade da linguagem bem escolhida supre a ausência. Mas a rima é pertinente. O que me não convence é o liame entre quartetos. E, não há dúvida, estou bem acompanhado. Sem fugir à imposição petrarquiana, obedecida por expoentes de todos os quadrantes, Baudelaire, Machado de Assis, Vinícius de Moraes e, aqui na Província, mas com repercussão nacional, Artur Eduardo Benevides e Francisco Carvalho produziram sonetos magistrais, abraçados apenas na composição isolada dos quartetos.

Isso é evolução. E estou nela. Vez por outra, minhas acanhadas rimas atestam essa estrutura independente. A prova é o presente simulacro de Coroa de Sonetos. Simulacro, digo bem, porque não faço, invariavelmente, do último verso do Soneto anterior o primeiro do seguinte, valendo-me, quando necessário, de seu sentido, somente. Nesta liberdade baseio o poema final.

Não experimentei, ainda, a técnica do Soneto inglês ou shakespeariano, com 12 linhas rimadas à maneira de quartetos unidos em estâncias desabraçadas; e as duas finais formando um dístico, à guisa de estrofe conclusiva. Mas o farei, pois que evoluir é fundamental, como diria Vinícius.

Quanto ao mais, que me entendam e perdoem a incursão ousadíssima.
E ponham a vera culpa nas tentações de Camena.

C.M.

I

Eu sei que amor é tema repetido,
mas amor de verdade só há um;
aplaudi-lo, exaltá-lo tem sentido,
mesmo incidindo em lugar-comum.

Se não te agrada vê-lo defendido,
se lhe não atribuis valor algum,
talvez teu coração, menos tolhido,
veja valor onde não vês nenhum.

E adentrarás um mundo que não cede
a pretensas mudanças temporais
e que por preconceitos não se mede.

Um mundo que conduz quem entendê-lo
a planos de tal sorte intemporais
que mais vale senti-lo que dizê-lo.

II

E mais vale senti-lo que dizê-lo,
porque o amor, tu sabes, acontece;
se alguém o sente pode conhecê-lo,
nunca dizê-lo, mesmo que quisesse.

Se num conceito amor assim coubesse,
palavra seu sentido precisasse,
decerto não seria o que parece,
mas sentimento que se formulasse.

E de seu conteúdo todo o encanto
perceria como coisa feita,
sem alma e sem mistério. No entanto,

o verdadeiro, o puro amor consiste
num sentimento mudo, que deleita
mas também fere e muita vez é triste.

III

O amor fere e muita vez é triste
porque amar é dar-se sem reserva,
mas a renúncia que no amor existe
é que, de fato, o valoriza e eleva.

Se por amar a gente não sofresse
e fosse a vida sempre cor-de-rosa,
a mesmice ou a falta de interesse
decerto a tornaria tediosa.

Sem o ciúme, que perturba a mente,
mas dá sentido à conciliação,
o amor seria só um acidente.

Sendo assim, se o amor consiste em dar,
para que valha a pena a doação
é preciso sofrer, sorrir, sonhar.

IV

Preciso é que se sofra e se sorria
(repetir, certamente, não desdenho)
pra ver no amor não mera fantasia,
porém essa doação a que me atenho.

Sim, é preciso não poupar empenho
na luta que se trava dia a dia
contra as imperfeições do próprio engenho
que fazem do amor uma porfia.

Não creio que qualquer prazer exista
em benquerer sem travo de conquista
suada, tormentosa, porfiada,

pois o amor, tal qual um velho vinho,
só maturado tem sabor. O espinho
é que lhe dá maturação cuidada.

V

É a porfia que depura o amor
como a maturação dá gosto ao vinho;
do mesmo modo, não se colhe a flor
fugindo à farpa que produz o espinho.

Se alguém acalantar a fantasia
de calmamente amar, fugindo à luta,
só colherá tristeza ou apatia,
de vez que o sal do amor é a disputa.

E nada me parece mais errado
do que desinteresse provocado
por desnecessidade de lutar.

Notadamente sendo o amor a meta,
pois, quem não luta por amor, vegeta
na sem-razão do nada desejar.

VI

A sem-razão, que faz indesejado
o dom de muito amar, é pesadelo.
O amor tem que ser sempre procurado
como mercê carente de desvelo.

Não há sabor no fruto inconquistado
pois o desejo ardente de colhê-lo
é que, de fato, o torna apreciado.
Assim não sendo, vale mais não tê-lo.

E por igual, no amor, arrebatá-lo
lhe aguça o conteúdo e a beleza,
de vez que possui-lo é conquistá-lo.

O verdadeiro amor é, simplesmente,
um misto de alegria e de tristeza,
que faz vibrar o coração da gente.

VII

E o coração da gente assim vibrando,
por forças desiguais movimentado,
à guisa dum impulso, vai gerando
as bases de um amor acalentado.

Amor que, da rotina se livrando,
chora, sorri e, assim estimulado,
abre caminho, firme, disputando
aquilo que o faz valorizado.

O amor é isso, é um vaivém instante
que tanto eleva quanto desnatura,
fazendo da querela uma constante.

Nesse vaivém se forma e cristaliza
a quintessência que lhe dá textura,
até que a razão o concretiza.

VIII

E para que o amor se concretize,
com sutileza deve ser tratado.
Alguma vez, franqueza é um deslize
que põe a gente no caminho errado.

Mesmo não sendo duvidar negado,
evita o que acaso inтраquãilize.
É um mau vezo ser precipitado
naquilo que consterne ou penalize.

Toda transa de amor é imperfeita
se nascer viciada por suspeita
que a razão vier a reprovar.

Se duvidar parece inevitável,
exagerar resulta censurável
quando o excesso um mal maior causar.

IX

Se excesso gera, em regra, um mal maior,
jamais te excedas conscientemente.
Inda que torturando cruelmente,
um pouco de renúncia é bem melhor.

Exagerar temor, freqüentemente,
confunde e torna a vida bem pior,
amesquinhando, lamentavelmente,
mercê propiciada por amor.

Duvida, se te apraz, ou desconfia;
o poder te pesando, renuncia,
não perturbes, porém, do amor a paz.

A vida de quem ama é um dilema
e como a decisão é o problema,
não ponhas fora o que feliz te faz.

X

Não ponhas fora o que feliz te faz,
em amor não há pressa, e mais prudente
é tentar conduzi-lo em boa paz,
contornando o que quer que o apouente.

Amar sendo sofrer, possivelmente
o sofrimento só vantagens traz.
Não o compliques, imprudentemente,
desnaturando um mal que se desfaz.

“O amor na humanidade é uma mentira”,
diz o Poeta, mas não tem razão.
O prazer de viver, decerto, gira

em torno de amor bem cultivado.
Mentira é não amar com devoção,
pois só se vive amando e sendo amado.

XI

A vida é muito amar e ser amado.
Lamento, pois, a tola vanidade
de quem fugir pretende da verdade
deste preceito mais que comprovado.

Quem o fizer, por tê-lo desprezado
por presunção, descrença ou vaidade,
o aguilhão cruel da soledade
no próprio coração terá cravado.

É tão penoso solidão sofrer
sem nada pretender ou disputar,
que bem melhor seria não nascer.

— Quero ter-te comigo e, se consentes,
de todo o teu carinho me apossar.
Fica a meu lado, amor, jamais te ausentes.

XII

Fica a meu lado, vem. Promiscuidade,
longe de se amar, é desamar.
Compartir afeição é crueldade,
amar é, por inteiro, se doar.

Não tem sentido a liberalidade
se for amor o bem a partilhar.
Sentimento não é utilidade
que se possa partir ou esbanjar.

Quando um amor é lealmente dado
se torna indivisível, pois, doado,
nada mais sobra para repartir.

Fugir a isso é só leviandade,
porque a regra é esta: liberdade,
em linguagem de amor, é excluir.

XIII

Exclua, sendo amor. Impraticável
é idear querença repartida.
O amor só é, de fato, desejável
se na sinceridade tem guarida.

Sem um amor, a vida é detestável,
— eis a verdade pura e repetida.
Porém, o amor é a graça impartilhável,
não tem valor ternura compartilhada.

Somente assim posso entender o amor,
por isso, não vacilo em me opor
à liberdade que surgiu depois.

Talvez até me julguem defasado,
mas não me pesa a pecha de quadrado:
amor pra mim é sentimento a dois.

XIV

Para mantê-lo a dois renovo empenho,
sem atender à pecha de quadrado.
E firme, nesse tanto, me mantenho,
embora parecendo defasado.

Sendo a partilha um proceder errado
em matéria de amor, não me detenho
no conceito jocoso ou apressado
que menospreza o mundo de que venho.

A lei do amor não muda, ela é eterna,
mudam costumes, mas toda a baderna
gerada na mudança é censurável.

Possa a razão suprir a vanidade
dos que do amor conspurcam a lealdade
que dele faz um bem inestimável.

XV

Eu sei que amor é tema repetido
e que senti-lo é mais do que dizê-lo.
Eu sei que quem por ele foi ferido
deve sofrer, sorrir, para entendê-lo.

Eu sei, também, que para o maturar
mister é evitar a sem-razão,
pois só fazendo o coração vibrar
do amor se tem a concretização.

Se excesso gera, em regra, um mal maior,
resguarda o teu prazer, ciosamente,
amando quem te ama: é bem melhor.

Fica só a meu lado, por favor,
partilhar, nesse tento, é imprudente,
somente a dois é verdadeiro o amor.